

## REPENSANDO ALAGOAS

Agradeço pelos minutos preciosos de vida que você irá gastar com esse pequeno artigo. Que, muito longe se ser científico, também possui a mesma distância de ser tão somente um achismo. Prefiro falar em compreensão; e para os que se simpatizarem com esse singelo texto, podem chamar de reflexão.

Reflexão de mais um cidadão que consegue enxergar algumas ruas adiante (confesso-lhes que não muitas, literalmente algumas); e ainda que, com um olhar debilitado de um homem médio, com o espírito cândido de um cidadão da *Pólis*, consegue observar que em Maceió (numa única cidade), temos os EUA até mesmo a pior parte da Índia , numa breve caminhada de 04 ou 05 quarteirões.

Desde a alegria e o colorido de Miami Beach, presente na vida cotidiana da nossa Ponta Verde até odioso cheiro do nosso rio Yamuna (ops, digo: Riacho Salgadinho, o entorno da Lagoa Mundaú ou mesmo o meio fio de uma calçada qualquer no Vergel do Lago). De Miami à Nova Deli, num único pulo. Essa é a capital da nossa província! Sem transição. Apenas ruptura! Dona de uma distribuição urbanística na base do “ou se tem ou não se tem”. Sem adentrarmos na questão das vidas rachadas, o que daria uma novela com inúmeros capítulos, poucos heróis e muitas vítimas ,naquilo que foi considerado (por muitos especialistas) como o maior dano ambiental citadino do mundo.

Voltemos à questão do uso e ocupação do solo urbano. Não estamos aqui a procurar culpados ou apontar responsáveis. Longe disso! Os fenômenos sociais são complexos, e o caos urbanístico não é exclusividade somente de Maceió. Com pequenas diferenciações, observa-se um padrão de ausência de equidade urbana por praticamente todas as cidades da Zona da Mata alagoana. E olha que interessante, justamente na região em que as riquezas naturais são mais portentosas. Aqui, sempre lembro de uma passagem de um amigo que, há anos, mora no sertão; volta e meia, eu o indagava o porquê dele ainda não ter comprado um imóvel rural na minha amada Pedra de Delmiro Gouveia, e a sua resposta inteligente sempre foi: “lá na Zona da Mata tenho água e comida farta para os bichos, e ainda dá trabalho, porque haveria de botar uma criação num torrão?!”. De veras, contra fato, não há argumentos (risos).

Então como explicar que, justamente ali, onde a água nasce com fartura num solo rico, estariam as cidades menos planejadas, as casas geminadas e infiltradas, esgoto a céu aberto na porta, ruas estreitas e o caos urbanístico e social que fomenta a criminalidade? Penso que a resposta ou, pelo menos parte dela, seria em razão das diferenças sociais seculares, cuja riqueza se concentrou nas mãos de uma velha e pequena oligarquia canavieira, cabendo aos demais (ou melhor: à grande maioria) o restolho.

E onde há restolho, há exclusão, há a palha a ser queimada pelo fogo da pequena traficância de drogas. A mais letal delas, onde uma vida vale 10 reais. No caos urbanístico, a pequena traficância e a morte encontram o seu melhor ambiente, com vielas, grotas, ausência de segurança e a lei do silêncio. E assim, o Estado vai desaparecendo (pouco a pouco) da vida daqueles que também, pouco a pouco, se tornam invisíveis para a gente.

Penso que o Sertão, ou pelo menos as principais cidades daquela região, estão alguns passos à frente daquelas cidades da Zona da Mata. Existe gradação nas densidades socioeconômicas; é possível compreender, por exemplo, que por onde quer eu ande, eu sempre saberei que estarei em Delmiro Gouveia, assim como em Santana do Ipanema ou mesmo em Água Branca. Não existirá a péssima sensação de transitar entre Vancouver e Bangladesh no mesmo espaço urbano. Por isto, volta e meia digo, em meio aos risos e críticas dos amigos mais próximos, que a minha amada Delmiro Gouveia será a Califórnia alagoana, pois a ela e às demais cidades do Sertão (embora ainda existam

problemas urbanísticos), a correção de rumo é mais factível e depende da vontade política da população e do comprometimento responsável dos gestores.

Quanto à maioria das cidades da Zona da Mata, a correção exigirá mais vontade, mais planejamento, maior energia, mais gastos, melhor distribuição de recursos públicos, cultura, diálogo e a mão forte do Ministério Público de Alagoas, essencial na defesa dos direitos difusos e coletivos. Mas ainda assim, embora maiores os obstáculos, será possível a concretização de uma solução. Para isto? Comprometimento com a distribuição dos recursos iniciais; em outras palavras: saúde, educação, segurança pública e direito constitucional à cidade.

E, muito embora, numa visão apaixonada pelo Sertão de Alagoas, tenho a crença que o progresso do nosso Estado partirá de lá, daquelas bandas da Caatinga, a equidade urbana será alcançada por todas as cidades da nossa rica Zona da Mata, sem gentrificação ou exclusão, mas com a devida consideração e respeito a todos os concidadãos da *Pólis*.

Frederico Alves Monteiro Pereira  
Promotor de Justiça de Delmiro Gouveia  
Atuou nos 1º, 2º e 3º Tribunais do Júri da Capital.